

JORGE BUCAY

O Caminho da Felicidade

Tradução de
Michele Amaral

Pergaminho

Caminhos e roteiros

*Há decerto um rumo
possivelmente
– e de muitas formas –
pessoal e único.*

*É possível que exista um rumo
certamente
– e de muitas formas –
comum a todo o mundo.*

*Há decerto um rumo e
– de alguma forma –
uma possível rota.*

De forma que será preciso encontrar esse rumo e começar a desbravá-lo. É *possível* que tenhamos de arrancar sozinhos e que, mais adiante, nos surpreendamos com todos os que encontramos pelo caminho e que *certamente* seguem na mesma direção.

Este rumo último, solitário, pessoal e definitivo, é bom não esquecermos, é a nossa ponte para os outros, o ponto de conexão único e inevitável que nos liga ao mundo.

A esse destino final podemos dar o nome que quisermos: felicidade, autorrealização, elevação, iluminação, tomada de consciência, paz, sucesso, chegar ao topo ou, simplesmente, final... O efeito é o mesmo. Todos sabemos que o desafio é chegar a bom porto.

Haverá quem se perca pelo caminho e acabe por se demorar mais, e ainda quem encontre um atalho e até se torne guia, ajudando outros com o saber que entretanto acumulou.

Alguns guias ensinaram-me que há muitas formas de chegarmos ao destino, infindáveis acessos, milhares de meios, dezenas de rotas que nos conduzem na direção certa – caminhos que temos de percorrer um após o outro. No entanto, alguns desses caminhos fazem parte de todas as rotas traçadas.

Caminhos aos quais não podemos fugir.

Caminhos que teremos de percorrer se quisermos seguir em frente.

Caminhos onde aprenderemos o que é imprescindível saber para chegarmos ao último troço da viagem.

Estes caminhos incontornáveis são, para mim, quatro:

O **primeiro** é o da aceitação definitiva da responsabilidade sobre a própria vida, ao qual chamo

O caminho da Autodependência

O **segundo** é o da descoberta do outro, do amor e do sexo, ao qual chamo

O caminho do Encontro

O **terceiro** é o da perda e da dor, ao qual chamo

O caminho das Lágrimas

O **quarto e último** é o da completude e da busca de sentido, ao qual chamo

O caminho da Felicidade

Ao longo da minha viagem, tenho vindo a consultar as notas que outros deixaram sobre as suas viagens e tenho também dedicado uma parte do meu tempo a traçar os meus próprios mapas de percurso.

Os mapas que tracei destes quatro caminhos assumiram o papel de roteiros, tendo-me ajudado a reencontrar o rumo de cada vez que me perdia.

Espero que estes *roteiros* possam ajudar aqueles que, como eu, por vezes perdem o rumo, e quem sabe até os descobridores de atalhos. De qualquer modo, o mapa nunca é o território, e será preciso ir retificando o percurso de cada vez que, ao longo da nossa experiência, encontrarmos um erro de cartografia. Só assim chegaremos a bom porto.

Oxalá nos encontremos lá.

Significará que conseguiram chegar.

E que também eu lá cheguei.

A alegoria da carruagem IV

Mais adiante, o caminho ramifica-se em leque.
Tenho à minha frente pelo menos cinco rumos diferentes.
Nenhum deles reclama ser o escolhido; apenas estão ali.
Um ancião está sentado numa pedra, na encruzilhada.
Decido perguntar-lhe:

- Que caminho devo seguir?
- Depende do que buscas – responde-me sem se mover.
- Quero ser feliz – digo-lhe.
- Qualquer um destes caminhos te pode levar nessa direção.

Surpreendo-me:

- Então... é indiferente?
- Não.
- Tu disseste...
- Não. Eu não disse que qualquer um te levaria lá; disse que qualquer um deles pode ser o caminho que te levará lá.
- Não entendo.
- Leva-te lá o caminho que escolheres, se escolheres corretamente.
- E qual é o caminho correto?

O ancião ficou em silêncio.
Compreendi que não existia resposta para a minha pergunta.
Decido pôr-lhe outro tipo de questões:

– Como posso escolher com sabedoria? O que devo fazer para não me enganar?

Desta vez o ancião respondeu:

– Não perguntes... Não perguntes.

Ali estão os caminhos.

Sei que é uma decisão importante. Não posso enganar-me...

O cocheiro fala-me ao ouvido, propõe o caminho da direita.

Os cavalos parecem querer tomar o caminho escarpado da esquerda.

A carruagem quer deslizar em frente, descer em linha reta.

E eu, o passageiro, acho que seria melhor subir o trilho elevado da encosta.

Somos todos um só, mas estamos com problemas.

Um instante depois, vejo como, de forma muito rápida, pela primeira vez com tanta clareza, o cocheiro, a carruagem e os cavalos se fundem em mim.

Também o ancião deixa de ser outro e é incorporado em nós; os caminhos já percorridos unem-se num só, assim como todas as pessoas que conheci.

Não sou nenhuma dessas coisas, mas sou todas elas.

Sou eu que, agora completo, tenho de escolher o caminho.

Sento-me no lugar onde antes estava o ancião e dou-me tempo, simplesmente o tempo de que preciso para tomar uma decisão.

Sem urgências. Não quero adivinhar, quero escolher.

Chove.

Percebo que não me agrada que chova.

Mas também não me agradaria que não chovesse nunca.

Pelos vistos, quero que chova apenas quando me apetece.

No entanto, não tenho bem a certeza de querer verdadeiramente isso.

Parece que não faço outra coisa senão testemunhar o meu aborrecimento, como se ele não me pertencesse, como se não tivesse nada que ver comigo.

De facto, não tenho nada que ver com a chuva.

Já o aborrecimento é meu, sou eu que não o aceito, sou eu que fico aborrecido.

É por me molhar?

Não.

Estou aborrecido porque a chuva me aborrece.

Chove...

Deveria apressar-me.

Não.

Mais adiante também chove.

Que mal há em apanhar com umas gotas de chuva? O que importa é o caminho.

Não importa chegar, importa o caminho.

Na realidade nada importa, só o caminho.